

***REY PUENTE, Fernando; VIEIRA, Leonardo  
Alves (Org.). As filosofias de Schelling.  
Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.***

*Emília Assis Lima\**  
*agnesslima@hotmail.com*

Inserir-se na bibliografia filosófica brasileira a obra *As filosofias de Schelling*, organizada por Fernando Rey Puente e Leonardo Alves Vieira e publicada pela Editora UFMG. Trata-se do compêndio dos ensaios apresentados no Congresso Internacional também intitulado *As Filosofias de Schelling*, realizado no ano de 2001 na UFMG.

Em comparação aos estudos sobre outros pensadores importantes na extensa gama de filósofos, o estudo de Schelling pode ser considerado ainda tímido no Brasil, o que remete à necessidade de render congratulações aos organizadores pelo Congresso *As Filosofias de Schelling* e, agora, pela iniciativa de transformá-lo em livro. A tarefa de tornar a obra deste filósofo mais familiar ao leitor brasileiro não deixa de envolver um certo desafio, visto que se trata de um autor, de certa maneira, prejudicado pela simplificação excessiva de alguns historiadores da filosofia, os quais, em geral, apresentam uma visão da contribuição da filosofia moderna alemã, sobretudo do Idealismo alemão, que reduz muitas vezes o âmbito dos grandes pensadores a Kant e Hegel.

É importante ressaltar a diversidade dos paradigmas abordados nos textos sem, contudo, perder de vista a profundidade e o rigor da investigação, uma característica que descreve a qualidade dos ensaios apresentados, mas que se identifica, também, com o movimento interno próprio da obra de Schelling. Tal propriedade tem sua relevância agregada na medida em que oferece ao

\* Mestranda em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

leitor, sobretudo aquele que terá seu primeiro contato com o pensamento schellingiano, um panorama abrangente do conjunto da obra deste pensador, em todas as suas nuances e perspectivas, e não um olhar centralizado apenas em um dado momento do mutante pensamento de Schelling.

A compreensão dessa característica incomum pertencente à Schelling, de possuir diferentes fases demarcadas segundo temas, conceitos e estilos argumentativos diversos, inscreve-se já na discriminação dos textos no sumário, que se divide de acordo com as fases do pensador. Contudo, nem todos os textos referem-se diretamente a uma fase específica de Schelling. É o caso dos dois últimos, de autoria de Ricardo Barbosa e Carlos Cirne-Lima, que se diferenciam enquanto tentam dialogar com certas idéias schellingianas, mais do que tratar especificamente de uma investigação direcionada internamente para a obra de Schelling.

O primeiro ensaio, “Arte e sistema”, de autoria de Arturo Leyte Coelho, também se enquadra nas exceções, visto que começa precisamente por enfrentar uma das questões centrais específicas do pensamento de Schelling, qual seja, a de discutir em que medida devem-se considerar os vários paradigmas adotados por Schelling ao longo do todo de sua filosofia. Deve-se falar de muitas filosofias ou de apenas uma filosofia em Schelling, pressupondo, portanto, que há um fio contínuo subjacente às aparentes variações paradigmáticas do pensamento schellingiano? O autor do ensaio segue a segunda linha de raciocínio, tendo como viés de compreensão a perspectiva da arte, isto é, a reflexão estética funcionaria como elemento articulador e agregador das variações que acompanham o desdobrar-se do pensamento schellingiano ao longo da obra do filósofo. “A arte é o novo saber do absoluto, a síntese”. Daí o título “Arte e sistema”.

No ensaio “A filosofia prática do jovem Schelling”, Leonardo Alves Vieira aponta, inicialmente, o grande objetivo da filosofia prática do jovem Schelling, qual seja, conciliar a inflexão subjetivista característica do período moderno com uma filosofia prática não-fundamentada na esfera da finitude. Vieira tem o cuidado de destrinchar, de forma didática, as relações lógicas complexas desenvolvidas pelo pensador para explicar o desdobrar-se do incondicionado na realidade condicionada, antes de partir para a explanação do pensamento moral do jovem Schelling, que postula a individuação moral como resultante, sobretudo, de uma relação de conflito entre o aspecto incondicionado e o aspecto condicionado, ambos presentes originariamente no indivíduo: “O indivíduo moral, com efeito, é a articulação entre identidade e não-identidade”.

O objetivo do ensaio de Márcia C. F. Gonçalves, intitulado “Schelling — Filósofo da natureza ou cientista da imanência?” é investigar o conceito de

natureza na filosofia da natureza de Schelling, mais especificamente nos períodos de 1797-1803 e 1833-1834. O sentido da palavra natureza, no entanto, já mostra a particularidade do pensamento de Schelling, pois se trata de uma natureza concebida de modo extremamente autêntico, na verdade, como um momento de interpenetração entre necessidade e liberdade, entre real e ideal. Reconciliar estes dois pólos e derivar a esfera da natureza e a esfera do espírito do mesmo ser absoluto é a grande pretensão de Schelling, a qual é ressaltada com sucesso pela autora. O fato de que Schelling vai contra toda uma corrente newtoniana/galileana é bastante lembrado no texto, assim como a proposta de uma filosofia da natureza que não deixa, também, de se entender ela mesma como ciência.

Já o texto de Hugo Javier Ochoa, “O dilema de Schelling”, apresenta-se rico em diálogos entre pensadores tais como Kant, Fichte e Jacobi. A referência a Jacobi, sobretudo, é um traço de grande importância, visto que tal pensador é em geral ainda menos investigado do que Schelling. Ochoa toca questões instigantes, tais como a noção de intuição intelectual e limites da razão, confrontando as teses de Jacobi, Kant, Fichte e Schelling. O autor põe o leitor a par das conseqüências retiradas por Jacobi das teses kantianas, acerca das limitações da razão, as quais, na visão do autor, levam quase que a um fideísmo baseado no sentimento como tipo de intuição intelectual, e esta possuiria o mesmo poder de critério de uma intuição sensível tal como entendida por Kant. O dilema de Schelling, segundo Ochoa, consiste em superar a dialética entre ideal e real, ou seja, entre o idealismo subjetivo de Fichte e o realismo afetivo de Jacobi.

A questão propulsora da investigação do ensaio “Limite e realidade, os primeiros passos no sistema transcendental”, de Jacinto Rivera Rosales, diz respeito à realidade como derivada de uma certa gratuidade do ser, da autoponência do absoluto. Como conseqüência dessa gratuidade suposta, surge a questão de dar um sentido ao limite, respeitando o círculo inevitável do absoluto. Daí decorre a compreensão do limite como origem da forma e da multiplicidade. Nesse contexto, natureza e espírito inserem-se em um jogo entre duas atividades, as quais dão origem à noção de ideal-real, conceito talvez chave para entender a filosofia do idealismo transcendental e aquilo que o próprio Schelling parecia considerar como seu grande ganho teórico frente a seus antecessores. Realidade e liberdade devem ser entendidas a partir da estrutura de uma atividade real-ideal do absoluto.

Os ensaios de Luiz Fernando Cardona Suárez e Thereza Calvet de Magalhães concentram-se, sobretudo, no texto schellingiano datado de 1809, no qual o filósofo busca explicar o mecanismo do mal sem refutar a idéia de

um Deus perfeito, nem desembocar em qualquer espécie de maniqueísmo, assumindo, ao mesmo tempo, a realidade efetiva do mal como um fato.

O ensaio de Cardona Suárez, “Teodicéia e o sentido da criação na metafísica schellingiana de 1809”, tem como noções estruturantes os conceitos revelação e função moralizante do mal. O ensaísta destaca que a perspectiva de Schelling sobre o problema é uma visada metafísica, ainda que o componente da fé esteja expressamente presente no cerne da investigação. Nota-se, a meu ver, a partir desse ensaio, a radical mudança de linguagem e conceitos utilizados por Schelling e que, à primeira vista, podem *surpreender* o leitor desavisado. Em vez de se falar em incondicionado, Eu absoluto, fala-se de Deus, criatura, revelação divina etc.

A autora do ensaio “Da identidade absoluta ao Deus vivo e pessoal, meras observações para ler o *Freiheitsschrift* (1809) de Schelling”, por sua vez, pretende traçar a estrutura fundamental desse texto de Schelling, que se destaca tanto pela riqueza conceitual quanto pela complexidade do conteúdo. Assim sendo, Calvet aponta, de modo apropriado, as chaves de leitura que lançam luz sobre os mais importantes e basilares conceitos expostos por Schelling. Também é traçado o movimento entre Deus como fundamento e Deus como existência, esta relação lógica altamente original, com a qual Schelling busca esclarecer a possibilidade efetiva do mal.

Heinz Eidam, em seu ensaio “A questão pelo ser ou o saber e sua realidade: observações sobre o idealismo crítico de Schelling”, enfoca a questão dos limites da razão, já discutida em outros ensaios do livro, baseada na distância ontológica entre a coisa em si e o fenômeno. Apesar de se referir à fase final de Schelling, o ensaio retoma uma questão do jovem Schelling como fio condutor da investigação proposta e, a partir daí, expõe interpretações bastante coerentes e autênticas acerca dos conteúdos possíveis envolvidos na questão do fundamento do saber. Os elementos lógicos, “realidade e possibilidade”, que se encontram recorrentemente na fase do jovem Schelling, têm aqui suas significações explicitadas à exaustão, tendo como consequência uma nova possibilidade de interpretação sobre Schelling e o seu projeto de saber.

No ensaio de Fernando Rey Puente, “Tempo e história em Schelling”, a densidade dos termos e da argumentação é a característica marcante. O ensaio tem o mérito de esclarecer o leitor acerca da complexa linguagem simbólica, de ares religiosos, utilizada por Schelling nas fases finais de seu pensamento. É oferecida, ainda, uma descrição consistente da estrutura do tempo no Schelling tardio, relatando-se as consequências daquela estrutura na moralidade, na ética e no problema da filosofia da história. Schelling, como bem aponta o autor, conecta todas essas esferas: tempo, história e vontade, e ainda muitos outros

conceitos, em um sistema que privilegia a ligação originária entre os devires humano e divino. Cabe ressaltar, também, as descrições precisas do autor de noções tais como a diferença entre intuição intelectual e êxtase da razão e o curioso empirismo schellingiano, calcado na filosofia da história.

O ensaio de Ricardo Barbosa, “Sobre a tarefa da filosofia da natureza de Schelling: uma reflexão a partir de Schelling”, objetiva, não tanto, fazer uma investigação internamente direcionada para a filosofia de Schelling, mas buscar idéias em Schelling que ajudem a pensar o conceito de materialismo, tal como presente em Marx e na tradição marxista. A possível influência das idéias de Schelling sobre o conceito marxista de materialismo, segundo o próprio autor, ocorre através da filosofia da natureza de Schelling, a qual, para o ensaísta, apresenta avanços, mas também retrocessos, que teriam servido como matéria de reflexão para o jovem Marx e, desse modo, resultaram em uma certa herança schellingiana presente no conceito marxista de materialismo histórico. O ensaísta descreve, por fim, a conciliação entre homem e natureza como pertinente, isto é, “a superação da oposição entre o materialismo e o idealismo”, a qual era proposta de Marx, é viável por meio da unidade entre identidade e não-identidade.

No último ensaio, “Causalidade e auto-organização”, Carlos Cirne-Lima propõe sua tese de uma continuidade teórica entre as noções de *causa-sui* desde Platão, passando pelos neoplatônicos e pelos idealistas alemães, até chegar à Teoria Geral dos Sistemas, tal como defendida por Bertalanffy. A questão é basicamente propor uma nova noção de causalidade que se contrapõe à causalidade linear, presente em toda uma tradição filosófica mecanicista, e que parece se coadunar muito bem com o raciocínio operado por Schelling, sobretudo na sua filosofia da natureza. Nesse ensaio, pode-se ressaltar, principalmente, a iniciativa do autor de propor audaciosamente a reinterpretção de toda uma tradição filosófica e científica. Resta saber se, indiretamente, Cirne-Lima estaria propondo também a mudança do *modos operandi* científico atual ou, pelo menos, a revisão dos fundamentos desse *modus operandi*. No que diz respeito às equivalências efetuadas pelo autor, elas parecem ser coerentes e apresentar de fato novas possibilidades para a compreensão da relação entre filosofia e ciência.

Assim, portanto, os organizadores d’*As filosofias de Schelling* vêm colocar à disposição do público interessado uma fonte de estudos que faz jus a algumas das mais relevantes qualidades deste filósofo, a saber, a profusão de idéias e a riqueza de possibilidades de investigação.